

**CONCEITO DE RELIGIÃO E DOS MOTIVOS-BASE RELIGIOSOS DA TEORIA DE
HERMAN DOOYEWEERD**

**CONCEPT OF RELIGION AND RELIGIOUS GROUND MOTIVES FOR THE
THEORY OF HERMAN DOOYEWEERD**

Juliana Bolzan Sebe Dias¹

RESUMO: O presente artigo é um ensaio a respeito das ideias sobre religião e sobre os motivos base religiosos desenvolvidas pelo filósofo Herman Dooyeweerd. Para ele todo ser humano é um ser religioso, pois sempre será direcionado à origem absoluta de significado de toda realidade temporal. Ele demonstra como esse impulso inato de *ego* se manifesta também através de crenças supra teóricas comunais, chamadas por ele de motivos base religiosos, que influenciaram diversas escolas de pensamento na história da filosofia ocidental.

Palavras-chave: motivos base religiosos, religião, Herman Dooyeweerd, dogma da autonomia da razão.

ABSTRACT: The present article is an essay about the ideas about religion and about the religious ground motives developed by the philosopher Herman Dooyeweerd. For him, every human being is a religious being, as he will always be directed to the absolute source of meaning of all temporal reality. It demonstrates how this innate ego impulse is also manifested through supra-theoretical communal beliefs, which he calls religious ground motives, which have influenced various schools of thought in the history of Western philosophy.

Keywords: religious ground motives, religion, Herman Dooyeweerd, dogma of autonomy of reason.

56

¹ Mestre em Direito, pela Universidade Federal de Minas Gerais, com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerias (2019). Especialização em Direito Público pelo Centro de Atualização em Direito (2015). Especialização em Filosofia e Teoria do Direito, pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2019). Bacharela em Direito pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2012). Bacharela em Teologia pelo Instituto Metodista Izabela Hendrix (2015). E-mail: ju_bsd@hotmail.com. Currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/3416902194638381>.

INTRODUÇÃO

Herman Dooyeweerd (1894-1977) foi um filósofo e jurista holandês que contribuiu imensamente nos debates sobre epistemologia e sobre a influência de crenças pré-teóricas na formulação de teorias. Ele pretendia desenvolver uma teoria da realidade pautada em princípios cristãos, mas antes disso entendeu ser essencial a desconstrução do dogma da autonomia da razão, que afirma que o intelecto humano pode funcionar sem a influência de ideias supra teóricas.

Para maior entendimento de como o filósofo desconstruiu o mito da neutralidade da razão e desenvolveu sua ontologia é mister a compreensão de sua ideia sobre religião e sua teoria sobre os motivos base religiosos. O presente artigo objetivou apresentar um ensaio sobre esses dois conceitos e demonstrar como sua teoria abriu portas para um diálogo frutífero entre diversas e contraditórias correntes filosóficas e científicas.

1 CONCEITO DE RELIGIÃO

Estabelecer um conceito para religião não é um desafio simples. Alguns a limitam às práticas culturais e piedosas vinculadas a alguma associação ou igreja. Outros a consideram um mito ou história. Outros ainda a associam à obediência a algum mestre, deus, salvador, ou a alguma lei. Roy Clouser,² em seu livro *The Myth of Religious Neutrality*, apresenta algumas características que muitas vezes são atreladas ao conceito tradicional de religião e demonstra como cada uma delas é insuficiente.

A primeira delas é que as crenças religiosas são aquelas que inspiram alguma sanção ou código moral. Porém, segundo ele, há várias religiões que não incluem nenhum ensinamento ético. O remoto epicurismo, por exemplo, por acreditar que os deuses não interferiam e nem estavam interessados na vida dos homens, não faziam nenhuma conexão entre a crença moral e a crença em deuses. O mesmo acontece no Xintoísmo, religião comum no Japão e algumas formas de religiões presentes na Roma antiga. Além disso, há várias crenças não religiosas que inspiram ou incluem ensinamentos morais, por exemplo os códigos de honra em uma escola, clubes esportivos, e o exército. Portanto, mesmo que uma religião na maioria das vezes inclua ensinamentos éticos, essa característica sozinha não é suficiente para distinguir uma crença religiosa de uma crença não religiosa.³

2 Roy A. Clouser atua como professor de filosofia, religião e lógica desde 1968 e atualmente é professor emérito do College of New Jersey. Recebeu seu título de Ph.D. na Universidade da Pensilvânia em 1972 com sua tese intitulada "Crítica Transcendental, Redução Ontológica e Crença Religiosa na Filosofia de Herman Dooyeweerd". Ele afirma que seu maior prazer na vida acadêmica foi encontrar os escritos de Dooyeweerd, que serviu como guia para seus trabalhos. Cf. CLOUSER, Roy. *The Transcendental Critique Revisited and Revised*. *Philosophia Reformata*, Volume 74 (1), 2009, p.1.

3 Cf. CLOUSER, Roy A. *The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious*

Outra característica que geralmente é utilizada para definir uma crença religiosa é o ato da adoração. Porém, nem toda crença religiosa inspira necessariamente uma adoração. Aristóteles, por exemplo, acreditava em um deus supremo, chamado por ele de Primeiro Motor, porém ele achava que adoração era algo fútil. A mesma ideia era defendida pelo epicurismo, mencionado acima, e também por algumas formas de budismo e hinduísmo.

Outra definição bem popular é que uma crença religiosa é definida pela fé em um ser supremo. Mas também há religiões que não possuem essa característica. O hinduísmo e o budismo, por exemplo, apesar de acreditarem em uma realidade suprema, não acreditam em um SER supremo.

Por fim, alguns defendem a ideia de que a crença religiosa tem como objeto aquilo que as pessoas valorizam de maneira irrestrita. Porém, muitas vezes, aquilo que as pessoas valorizam de maneira irrestrita é algo como o futebol, ou um filho, ou um cônjuge, e isso não faz com que a devoção a essas coisas ou pessoas se torne uma religião. Além disso, há religiões politeístas em que alguns deuses são considerados com um valor muito baixo ou são até mesmo odiados. Portanto, tal definição também não é adequada.

Depois de apresentar o que não define uma crença religiosa, Clouser conclui que a característica central de todas as religiões é a “crença em algo como divino por si, não importa como isso é descrito, onde ‘divino por si’ significa ter uma realidade não dependente incondicional”. Assim, a crença religiosa é a crença em algo “auto existente”.

Esse conceito de religião apresentado por Roy Clouser elucidada a ideia de religião da teoria de Herman Dooyeweerd. Para este, religião é “o impulso inato do eu humano para direcionar-se rumo à verdadeira, ou uma simulada, origem absoluta de toda a diversidade temporal do sentido”. Essa origem absoluta de significado da realidade temporal é o que Clouser chama de divino, incondicionado.

Para Dooyeweerd toda realidade temporal é dependente, de modo que só podemos compreender o sentido de algo na sua relação com as demais coisas existentes no cosmos. Porém, como tudo aqui é significado, é necessário que haja uma origem última, absoluta e incondicionada, que confere significado a todo horizonte da experiência temporal. Dessa forma, “a visão da totalidade não é possível à parte de uma visão da origem, ou da ἀρχή (arqué), tanto da totalidade quanto da especialidade de significados.” Esse absoluto é o que Clouser chama de divino. Religião é, portanto, o impulso inerente a todo ser humano em

Beliefs in Theories. Notre Dame: The University of Notre Dame Press. Rev. ed. Kenneth W. Hermann Kent State University, 2005, p.11.

4 Cf. CLOUSER, 2005, p.11.

5 Cf. CLOUSER, 2005, p.11.

6 Cf. CLOUSER, 2005, p.14.

7 Cf. CLOUSER, 2005, p. 6, 19-23.

8 Cf. DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought.** vol. I: the necessary presuppositions of philosophy. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969, pág. 57.

9 Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol.1, p. 4-5, tradução nossa, grifo nosso.

direção à essa origem última de significado da realidade temporal e é nessa relação religiosa que o ego humano encontra unidade e significado, conforme ele aduz:

(...) é apenas nessa *relação religiosa central com sua origem divina* que o ego pensante pode colocar a si mesmo, e a diversidade modal de seu mundo temporal, na direção do absoluto. *A tendência interna de fazê-lo é um impulso religioso inato do ego*. Pois sendo o pondo de concentração da totalidade do sentido, que ele encontra disperso na diversidade modal de seu horizonte de experiência temporal, *o ego humano aponta além de si mesmo para a origem de todo o sentido*, cuja absolutidade reflete-se no ego humano como o assento central da imagem de Deus. *Esse ego, que é vazio em si mesmo, é determinado em um sentido positivo apenas por sua relação concêntrica com a origem divina.*

Ao buscar encontrar significado em si e nas coisas ao seu redor, o pensador pode reconhecer essa relação transcendente ou ele irá necessariamente “divinizar”, conferir status de absoluto, a algum aspecto da realidade criada. Isso é o que Dooyeweerd chama de absolutização e idolatria:

Assim, uma reflexão filosófica que não se direciona para a relação religiosa central será obrigada a buscar o ego no horizonte temporal de nossa experiência a fim de evitar um resultado niilista. Consequentemente, tal reflexão abandonará a atitude crítica e fará do ego central um ídolo, absolutizando um dos aspectos modais de nossa consciência temporal. E aqui está a origem de ídolos como o ego psicológico, o lógico-transcendental, o histórico e o moral.

Dessa forma, a absolutização ocorre quando um aspecto da realidade passa a ser considerado a origem de significado do *eu* e de toda realidade temporal. A consequência disso é que todos os demais aspectos e o *self* passam então a ser reduzidos a esse aspecto que foi absolutizado. Com esse reducionismo o ego e as características dos aspectos são absorvidos pelas características do aspecto idolatrado, e isso gera uma série de contradições, chamadas por ele de antinomias.

[...] essa absolutização é a fonte de todos os *ismos* [reducionismos] na visão teórica da experiência humana e da realidade empírica. Eles resultam da tentativa de *reduzir todos os outros aspectos* do nosso horizonte temporal da experiência a *simples modalidades do aspecto absolutizado*.

Um exemplo de reducionismo é o materialismo. Este propõe que a realidade última é

10 Cf. DOOYEWEERD, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental**: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 82-83, grifo nosso.

11 Dooyeweerd discerniu quinze aspectos presentes no horizonte da realidade temporal: o aspecto quantitativo, espacial, cinemático, físico, biótico, sensorial, lógico, histórico, linguístico, social, econômico, estético, jurídico, ético e pístico. Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.103; CLOUSER, Roy A. **The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Beliefs in Theories**. Notre Dame: The University of Notre Dame Press. Rev. ed. Kenneth W. Hermann Kent State University, 2005, p.3,24.

12 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 81.

13 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 69.

.....
a matéria física, e tudo mais é dependente dela. A teoria materialista abstrai o aspecto físico, separando-o da coerência intermodal de significado da realidade temporal; depois o considera como algo independente e o eleva ao status de *arché* (origem) que transcende todo significado. Essa absolutização afeta toda a visão sobre a natureza e o destino do homem, sobre valores e sobre como o ser humano alcança a felicidade.¹⁴

A crença de que a matéria é a origem de significado de todas as coisas é tão transcendente e religiosa quanto a crença em um Deus supratemporal, pois não pode ser explicada teoricamente. Além disso, ambas geram uma série de outras descrições, que por sua vez carregam implicações sobre o significado da natureza, da felicidade e do destino humano.¹⁵ Todos, ao interpretar e conferir significado à realidade a seu redor e a si mesmo partem de algo que consideram incondicionado e absoluto, portanto, todo ser humano é religioso. Dessa forma, mesmo um ateu é religioso, pois também ele considera algo absoluto.

Quando alguém afirma ser ateu não está afirmando que não tem uma crença religiosa, apenas está esclarecendo aquilo que ele não considera como sendo divino (incondicionado). Isso seria equivalente a alguém dizer que é vegetariano; a partir dessa declaração podemos concluir o que essa pessoa não come, mas não sabemos ao certo o que ela come.¹⁶

Para Dooyeweerd toda teoria é regulada e guiada por uma ordenação religiosa e não existe neutralidade no ato de pensar. Os grandes desacordos que ocorrem no campo teórico advêm do fato de que as teorias não são neutras, e cada uma delas parte de um pressuposto religioso diferente.¹⁷

Como Clouser bem explica, isso não significa dizer que toda teoria possui afirmações de fé que não são comprovadas teoricamente; o conceito de religião vai além disso. Também não quer dizer que toda teoria é influenciada por crenças morais; pois como visto acima o conceito de religião não se resume a isso. Também não significa que a fé serve para completar uma suposta lacuna na teoria científica; nem que a religião simplesmente inspira o cientista para elaboração de uma hipótese.¹⁸

Afirmar que toda teoria é orientada por crenças religiosas significa que o conteúdo de toda teoria é interpretado a partir do conteúdo que a crença no incondicionado pressupõe, ou seja, que um conceito científico não pode ser dissociado de uma visão de mundo pré-científica. Isso porque toda teoria científica assume necessariamente uma ontologia, e nenhuma teoria pode evitar suposições sobre como o aspecto que funda seu domínio de investigação se conecta com os outros aspectos da realidade criada. Isso é inevitável não simplesmente por causa da presença dessas crenças na história e na cultura da sociedade, mas porque essa pressuposição é intrínseca ao processo de elaboração de uma teoria.¹⁹

14 Cf. DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.35-36.

15 Cf. CLOUSER, 2005, p.35-36.

16 Cf. CLOUSER, 2005, p.34.

17 Cf. CLOUSER, 2005, p. 4-6.

18 Cf. CLOUSER, 2005, p.3.

19 CARVALHO, 2006, p. 32,33; CLOUSER, 2009, p.9; CLOUSER, 2005, p.4. Dooyeweerd demonstra

Dessa forma, o ser humano sempre irá se conectar com uma ideia pré-teórica daquilo que ele considera a origem absoluta de toda realidade, esteja ele consciente disso ou não. Por isso todo ser humano é essencialmente religioso e toda teoria elaborada por ele também possui um fundamento religioso.

Em suma, as duas características principais na definição de crença religiosa para Clouser e Dooyeweerd são: 1- todas têm para si um conceito sobre o absoluto, incondicionado, aquilo que consideram a origem autoexistente de toda realidade temporal; e 2- elas estão pautadas na experiência intuitiva do homem e não em uma justificação teórica ou prova empírica.

2 MOTIVOS BÁSICOS RELIGIOSOS

Para Dooyeweerd esse impulso inato em direção a origem última de significado não deve ser compreendido como iminentemente individual, mas se manifesta também como uma força motriz que atua socialmente, dirigindo tanto o *self* quanto a cultura em direção ao Absoluto. Essas forças motrizes são os motivos base, ou básicos, religiosos.

Os motivos básicos religiosos são visões religiosas, supra teóricas e supra individuais, que direcionam todos os aspectos culturais e toda atividade intelectual de um determinado período da humanidade. Eles influenciam não somente o pensamento teórico, mas a experiência ordinária, traçando a relação entre os aspectos da realidade e funcionando como óculos a partir do qual o indivíduo interpreta tudo ao seu redor. Eles representam uma confiança, uma fé comunal, e tornam-se um fator formativo da cultura humana.

Os motivos base fornecem uma base mínima de entendimento entre as escolas filosóficas, que trabalham a partir de conceitos fundantes, e categorias de entendimento, que por sua vez partem dessa base comunal compartilhada pela sociedade em determinado momento histórico. Eles não operam de maneira imediata no pensamento filosófico, mas oferecem direções a esses pensamentos, através de noções teóricas fundamentais, ideias transcendentais, situadas no limite entre religião e o pensamento filosófico. Eles podem ser identificados em uma sociedade através de expressões concretas nas categorias linguísticas,

isso através da sua crítica transcendental. Para saber mais sobre cf.: DIAS, JULIANA BOLZAN SEBE. **INTERFACE ENTRE ESTADO E RELIGIÃO: Uma abordagem a partir da concepção de Herman Dooyeweerd e do Pluralismo de Princípios.** Dissertação (Mestrado em Direito). UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Programa de Pós-Graduação em Direito. Belo Horizonte, 2019, p.33-40.

20 Cf. CLOUSER, 2005 p.24; CLOUSER, 2009, p.6.

21 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 83-84; DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.61; TAYLOR, E. L. Hebden. **The Christian Philosophy of Law, Politics and the State.** Nutley, New Jersey: Craig Press, 1969, p.81-238.

22 Dooyeweerd faz distinção do pensamento teórico, como o pensamento científico, e o pensamento ordinário, que é a experiência ingênua que capta o significado das coisas em sua totalidade. Para saber mais cf.: DIAS, 2019, p.35-39.

23 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 85; DOOYEWEERD, 1969, vol. I, p.59-61; DOOYEWEERD, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã.** Traduzido por Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p.22.

24 Cf. Os motivos base têm uma expressão específica no aspecto histórico e pístico.

.....
nas artes, nas produções literárias, etc.; às vezes até assumindo formas institucionais, como em escolas.²⁵

Os motivos básicos podem impulsionar o homem à Origem verdadeira da realidade, ou, caso sejam pautados no dogma da autonomia da razão, podem conduzi-lo à deificação de um dos aspectos da realidade. Neste último caso a realidade é interpretada a partir de uma perspectiva dialética, sempre apresentando um ídolo e um contra ídolo. Dooyeweerd identifica quatro motivos básicos principais que direcionaram a civilização ocidental desde os tempos clássicos, que serão expostos nos próximos tópicos.²⁶

2.1 MOTIVO BASE MATÉRIA E FORMA

O primeiro motivo básico que Dooyeweerd apresenta é o motivo matéria e forma. Este influenciou profundamente a cultura ocidental, fundando os conceitos que temos hoje de racionalidade, teoria, dialética, abstrato, etc. Apesar de ter recebido força apenas em Platão e Aristóteles, esse motivo moldou a cultura grega desde os primórdios, originando-se do conflito irreconciliável entre o fluxo cíclico e sem forma, e o princípio de ordem, associado com os deuses do Olimpo.²⁷

A *forma* está ligada à racionalidade, ideias perfeitas, alma imortal e conceitos universais. Para Platão e Aristóteles ela é vista como o ídolo e nela o *ser* das coisas é imutável. A matéria é o contra ídolo, e se relaciona ao engano, às opiniões, à particularidade, a um nível inferior, ao princípio informe do vir-a-ser e da deterioração. Esse motivo continuou exercendo forte domínio cultural na filosofia e cultura grega e romana.²⁸

2.2 MOTIVO BASE CRIAÇÃO, QUEDA E REDENÇÃO

O segundo motivo básico é o motivo bíblico da criação, queda e redenção; neste as convicções religiosas de Dooyeweerd estão fundamentadas. Ele é o núcleo do cristianismo, que rompe radicalmente com a cultura grega clássica e abre portas para uma reorientação da cultura. Ele concebe a realidade de forma integral, sem compartimentá-la e sem a dispor de forma hierárquica; nesta visão não há esferas mais ou menos perfeitas, não há hierarquia entre

25 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 85.

26 Dooyeweerd afirma que em sua origem mais profunda existem apenas dois poderes espirituais comunais que atuam na raça humana: o poder do espírito de Deus, e o espírito da apostasia. O primeiro trabalha para redenção da humanidade caída, e o segundo leva sempre à idolatria de uns dos aspectos da realidade criada. Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 22, 25.

27 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 29-36.

28 Platão buscou encontrar uma síntese entre forma e matéria, gerando uma estrutura dual na cosmologia grega da natureza eterna e fluxo contínuo. Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 88.

29 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.28, 49; DOOYEWEERD, 1969, v. I, p.507; DOOYEWEERD, 2015, p. 43-46.

.....³⁰
a criação, diferentemente dos motivos base dualistas.

Esse motivo está estruturado na crença em um Deus soberano que criou e designou leis para o cosmos e para humanidade, que sustentam e estruturam sua existência. Na criação existe coerência, diversidade dos sentidos e o homem é a *Imago Dei*.³¹

A queda representa a ruptura radical contra essas leis. Com ela as três relações do homem- com a realidade temporal, com os outros *egos* e com Deus- foram distorcidas. O homem passou a ver a si mesmo a partir da imagem do ídolo que inevitavelmente criou para si, e perdeu a noção do sentido real de si mesmo, da criação e de Deus. Toda direção e ordenação de sentidos da realidade foi alterado com a queda, pois o homem é a coroa da criação de Deus e quando ele cai a criação cai com ele.³²

A obra redentora de Deus é, antes de tudo, a reorientação dos corações humanos em direção à verdadeira *arché*. Ela é a restauração da criação, que encontra seu centro no coração do homem. Inclui a redenção tanto dos indivíduos e seus relacionamentos, quanto da natureza e das esferas da sociedade.³³

2.3 MOTIVO BASE NATUREZA E GRAÇA

O terceiro motivo base é o medieval escolástico, natureza e graça.³⁴ Ele representa uma tentativa, segundo Dooyeweerd frustrada, de obter uma síntese entre o motivo base grego e o motivo bíblico. Ele introduz uma ruptura interna no motivo base bíblico, distinguindo o natural do sobrenatural e restringindo a queda e a redenção ao sobrenatural. Nesta visão, a natureza é comparada à matéria do motivo grego, aos aspectos da experiência sensível, sendo inferior; enquanto a graça assumiria um patamar superior, que corresponderia à forma do motivo grego.

A natureza está na esfera de autoridade da razão e concebe-se a ideia de que é possível

30 A única divisão na realidade é entre o Criador e a criatura. No horizonte temporal não há fissuras, é integral. A tensão que existe é externa ao horizonte temporal humano, não entre duas dimensões da criação. A tensão ocorre entre dois reinos, dois poderes espirituais, o de Cristo e do das trevas. Cf. CHAPLIN, Jonathan. **Herman Dooyeweerd: Christian philosopher of state and civil society**. Indiana: Notre Dame, 2011, p.47; DOOYEWEERD, 2015, p. 43-46.

31 Sem lei o homem e o cosmos não são nada, a lei determina a humanidade. Cf. WITTE JR., John. The Development of Herman Dooyeweerd's Concept of Rights. **South African Law Journal**, Vol. 110, p. 543-562, 1993, p. 545. Disponível: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1851248> Acesso em: janeiro de 2018; DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**, vol. II: the general theory of the modal spheres. Otario, Canadá: Pandeia Press, 1984, p.33,335.

32 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.43-52.

33 Essa queda, porém, não extingue a ordem divina e a estrutura do cosmos. As esferas e a natureza não são fruto do pecado, mas a direção do coração humano que foi alterada, influenciando também no modo como ele se relaciona com toda essa realidade criada. Através da graça comum Deus continua mantendo a ordem universal da criação, restringindo os efeitos do pecado. Cf. SMIDT, Corwin. **The Principled Pluralist Perspective**. In: Church, State and Public Justice, Five views. Ed. by P. C. Kemeny. InterVarsity, 2007, p.131-132.

34 Cf. SMIDT, Corwin. In: COCHRAN, 2007, p.133.

35 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.150-169.

chegar ao conhecimento de Deus por meio do intelecto, sem a necessidade da palavra revelada. A graça estaria na esfera de autoridade da revelação, do Deus criador, das coisas celestes, da alma humana. Ela serviria apenas para aperfeiçoar e apontar caminhos que a natureza não alcançaria. Há neste motivo uma tendência de absolutização do aspecto analítico, o que gerou uma afirmação da autonomia da natureza e uma negligência em relação à esfera da graça.³⁶

2.4 MOTIVO BASE NATUREZA E LIBERDADE.

O quarto motivo base é o humanista moderno, natureza e liberdade. Ele emergiu do colapso do motivo escolástico, na era Renascentista, durante a revolução científica do século XVII. Ele se divide em duas fases, a fase racionalista, presente no Iluminismo e na Revolução Francesa; e a fase irracionalista, do redirecionamento romântico, presente do período da Restauração.³⁷

A natureza e liberdade encontram-se em um dualismo irreconciliável, ora os pensadores enfatizavam o motivo natureza, ora o motivo liberdade. O motivo natureza representava o rompimento com os poderes “supranaturais”, e um foco para as leis mecânicas e universais, concebidas como a realidade no espaço e no tempo. A liberdade era o principal objetivo do humanismo, que cultuava a pessoa humana, como um fim em si mesma. Buscando ser livre de toda autoridade, a personalidade humana tentou estabelecer uma lei para si mesma em total autonomia e de acordo com seus próprios padrões estabelecidos.³⁸

A primeira fase racionalista concebe o ser humano a partir de leis universais; não há espaço para o reconhecimento de uma verdadeira individualidade e nem para a ideia de comunidade. Nessa fase primeiramente se deu enfoque no motivo natureza. Acreditava-se que a liberdade humana atingiria sua expressão máxima ao controlar e dominar a natureza, através do método natural científico, sem a necessidade de Deus e de uma ordem criada. Como só é possível controlar aquilo que opera segundo leis plenamente previsíveis, a natureza passou a ser vista de maneira determinista.³⁹

Descartes (1596-1650) foi o fundador da filosofia humanista. Ele colocou o mundo

36 Assim: “O sentido escolástico atribuído a essa autonomia foi determinado pelo tema natureza-graça. Nele, a razão natural não poderia contradizer as verdades sobrenaturais da doutrina da igreja, baseadas na revelação divina. Isso implicou uma acomodação externa de concepções gregas ou humanistas à doutrina da igreja, à medida em que a autoridade eclesiástica fosse aceita pelos estudantes de filosofia. A tentativa tomista de sintetizar os motivos opostos de natureza e graça, e a atribuição de primazia ao último, encontrou uma clara expressão no adágio: *gratia naturam non tollit, sed perficit* (a graça não cancela a natureza, mas a aperfeiçoa).” Cf. DOOYEWEERD, 2010, p. 97, grifo nosso.

37 Cf. O catolicismo passou por uma grave crise no fim da Idade Média, onde a posição de poder absoluto da Igreja, que abarcava toda a sociedade medieval, começou a entrar em colapso. Com isso, a cultura eclesiasticamente unificada começou a se desintegrar, favorecendo o surgimento do movimento renascentista, que defendeu uma completa separação entre fé e razão. Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.170,171,197.

38 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.193.

39 Cf. DOOYEWEERD, 2010, p.88, 193,194.

físico e a alma humana em dois polos opostos, considerando a alma humana uma substância independente de um corpo natural. Ele limitou a “natureza” ao mundo material, onde a ciência reinava e onde todos os fenômenos poderiam ser explicados mecanicamente. Já a alma humana era independente do corpo natural, uma entidade autônoma, e foi reduzida à razão.⁴⁰

Thomas Hobbes (1588-1679) foi mais profundo na crença científica, pretendendo aplicá-la nas áreas da moral, da lei, da vida política, e até dos movimentos da alma. Ele não aceitou a divisão de alma e corpo feita por Descartes, pois nesta concepção de alma racional supranatural o alcance do método científico era limitado. Sem colocar limites para o método natural-científico, ele compreendia toda a realidade como se fosse uma cadeia fechada de causa e efeito, “determinada por leis universais do movimento mecânico”. Ele analisava os fenômenos sensoriais em seus componentes mais simples, descritos em fórmulas matemáticas, que seriam o fundamento para a explicação de fenômenos mais complexos. Nada poderia ser considerado verdadeiramente real se não se encaixasse nessa cadeia e acreditava-se que a nova ciência traçaria o caminho para a liberdade humana. Assim, nas palavras de Dooyeweerd:

Fica-se então predisposto a pensar que todas as outras ciências devem operar de acordo com os métodos da física mecânica, acreditando que os processos orgânicos, o sentimento emocional, o desenvolvimento histórico da cultura, os processos lógicos, os processos econômicos, e assim por diante, devem ser cientificamente tratados e explicados como processos de movimento mecânico eternamente determinados dentro da cadeia de causa e efeito.

Quando o humanismo enfatizou o motivo científico- natural do controle, em vez do motivo liberdade, ele buscou o fundamento último da certeza no pensamento matemático e científico-natural. Acreditava-se que apenas “o método de pensamento desenvolvido pela matemática moderna e pela ciência natural ensinava os seres humanos a conhecerem a realidade como ela é ‘em si mesma’”, sem a interferência do subjetivismo e da consciência humana.⁴³

A visão racionalista humanista teve profunda repercussão nos ideais políticos. A sociedade e o Estado foram vistos como um agregado de indivíduos unidos sobre normas legais gerais de conduta, por meio de um contrato social. Ela não deu lugar para o reconhecimento da verdadeira individualidade das coisas e do ser humano; e também não reconheceu o valor e o papel da comunidade na constituição da personalidade humana.⁴⁴

Porém, logo começaram a surgir as dúvidas sobre o valor e a origem das ciências exatas, pois a ênfase no motivo da natureza não deixava lugar na realidade para a liberdade e a autonomia humana. Esses questionamentos foram uma transição para a segunda fase do

40 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.175,176.

41 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 174,176,177.

42 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 195.

43 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.181.

44 Cf. DOOYEWEERD, Herman. **A new critique of theoretical thought**. vol. IV: index of subjects and authors. Otario, Canadá: Pandeia Press, 2016, p.222,230; DOOYEWEERD, 2015, p.198.

.....
humanismo.

Nesse momento de transição o pensador escocês David Hume (1711-1776) contribuiu para o ceticismo em relação à ciência, fazendo um ataque epistemológico ao ideal científico e afirmando que toda sequência de causa e efeito tem uma associação com a realidade psíquica. Ele criticou a ideia de que a ciência poderia chegar ao conhecimento da realidade “como ela é em si” e afirmou que essa percepção não pode ser dissociada da consciência humana.⁴⁵

Jean- Jacques Rousseau (1712-1778) também submeteu o cientificismo ao autoexame crítico. Ele apontou os erros do ideal da supremacia da ciência e do racionalismo declarando que “a ciência havia trocado a liberdade e a igualdade pela escravidão”. Para ele a raiz da personalidade humana não estava no pensamento científico exato, mas no sentimento de liberdade. Seu foco era o motivo liberdade e sua religião humanista não era a razão, mas o sentimento.⁴⁶

Immanuel Kant (1724-1804) foi o responsável por elevar a visão humanista de maneira mais sofisticada. Assim como Rousseau ele deu prioridade ao motivo liberdade do ideal de personalidade moderno. Porém, para ele, a liberdade não estava na vazão do sentimento; nem residia na experiência sensorial, vinculada à ciência e à “realidade natural”. Para ele, a liberdade não poderia ser explicada cientificamente, e consistia em uma disposição racional e moral. Com sua crítica da razão pura, Kant acreditou ser possível isolar o “ego racional”, um modo de ser racional que seria inerente a todo ser humano. Ele separou completamente fé e razão e estabeleceu fundamentos para a atual crença na “neutralidade da ciência”.⁴⁷

Logo depois da Revolução Francesa veio a grande reação do período da Restauração, quando o ideal da personalidade começou a se emancipar das influências do motivo da natureza e da imagem mecanicista do mundo. Nesse momento ganhou força a concepção universalista romântica do ideal de personalidade consolidando a segunda fase do motivo humanista.⁴⁸

O Romantismo se opôs radicalmente à concepção racionalista do ideal da personalidade. Ele não reconheceu a existência de um “homem universal” indistinto, mas o considerou apenas como um membro de um todo individual comunal. Rejeitando completamente a validade das leis universais, essa segunda fase acabou culminando em ideais anarquistas.⁴⁹

Para evitar uma completa anarquia e ausência de leis, o Romantismo irracionalista necessitava descobrir limites para liberdade individual da personalidade autônoma. Esse limite foi localizado na comunidade abrangente, que se diferencia numa variedade de comunidades

45 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.182.

46 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p.183.

47 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 194-195. Esse axioma Kantiano é, na verdade, uma abstração teórica da função analítica do pensamento humano. É impossível, na realidade concreta pré-teórica, separar a consciência humana de condicionamentos sociais, econômicos, físicos, sentimentais etc. KALSBECK, 2015, p. 44-45.

48 Cf. DOOYEWEERD, 2015, 197.

49 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 198- 200.

individuais parciais, tais como família, povo e nação. Assim, a personalidade individual era determinada pela entrada nessa comunidade na qual é membro, e o ideal comunitário foi se ampliando. Essa ideologia da comunidade é chamada por Dooyeweerd de universalismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para Dooyeweerd, não há síntese entre os motivos base apóstatas e o motivo base cristão, pois todo motivo base apóstata “distanciará o ego de sua origem verdadeira e direcionará seu impulso religioso para nosso horizonte temporal da experiência, buscando nesse tanto a si mesmo como sua origem”⁵¹. O resultado disso é o surgimento dos ídolos originados da absolutização daquilo que é relativo. Para ele, o motivo base cristão é o único capaz de revelar que o centro religioso do homem se remete à origem absoluta transcendente, e, por isso, não é reducionista.

A elucidação a respeito dos motivos base religiosos contribui para o entendimento e um pensar crítico em relação às diversas teorias que foram desdobramentos desses motivos base ao longo da história da filosofia ocidental. Além disso, nos leva a refletir como muitas vezes os pensadores são influenciados por pressupostos pré-teóricos comuns sem estarem cientes disso.

Por fim, as ideias desenvolvidas por Dooyeweerd a respeito de religião auxilia no debate frutífero entre as diversas correntes científicas e filosóficas, uma vez que ele demonstra que todas elas estão amparadas em pressupostos de caráter supra teóricos, e que todo ser humano possui esse impulso em direção ao Absoluto. Além disso, sua teoria abre portas para que teorias fundamentadas em princípios cristãos, ou de outra religião tradicional, possam ser desenvolvidas dentro de ambientes universitários, colocando-os em pé de igualdade com teorias naturalistas e materialistas.

50 Aqui se encontra a origem da doutrina comunitarista, a qual se apresenta como alternativa ao racionalismo abstrato do liberalismo. Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 200.

51 Cf. DOOYEWEERD, 2015, p. 83.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Guilherme V. R. Poder Político e Justiça Social na Filosofia Reformacional de Herman Dooyeweerd. In: **Revista Eletrônica de Ética e Cidadania, Mackenzie**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 30-50, 2006. Disponível em: <http://www.mackenzie.com.br/fileadmin/Graduacao/EST/Publicacoes-artigos/carvalho_3.pdf>. Acesso em fevereiro de 2018.

CHAPLIN, Jonathan. **Herman Dooyeweerd: Christian philosopher of state and civil society**. Indiana: Notre Dame, 2011.

CLOUSER, Roy. The Transcendental Critique Revisited and Revised. **Philosophia Reformata**, Volume 74 (1), 2009.

CLOUSER, Roy A. **The Myth of Religious Neutrality: An Essay on the Hidden Role of Religious Beliefs in Theories**. Notre Dame: The University of Notre Dame Press. Rev. ed. Kenneth W. Hermann Kent State University, 2005.

DIAS, JULIANA BOLZAN SEBE. **INTERFACE ENTRE ESTADO E RELIGIÃO: Uma abordagem a partir da concepção de Herman Dooyeweerd e do Pluralismo de Princípios**. Dissertação (Mestrado em Direito). UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS (UFMG). Programa de Pós-Graduação em Direito. Belo Horizonte, 2019.

DOOYEWEERD, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. I: the necessary presuppositions of philosophy. Philadelphia: The Presbyterian and Reformed Publishing Company, 1969.

_____, Herman. **A New Critique of Theoretical Thought**. vol. II: the general theory of the modal spheres. Otario, Canadá: Pandeia Press, 1984.

_____, Herman. **No crepúsculo do pensamento ocidental: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico**. São Paulo: Hagnos, 2010.

_____, Herman. **Raízes da Cultura Ocidental: as opções pagã, secular e cristã**. Traduzido por Afonso Teixeira Filho. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

KALSBECK, L. **Contornos da Filosofia Cristã: a melhor e mais sucinta introdução à Filosofia Reformada de Herman Dooyeweerd**. São Paulo: Cultura Cristã, 2015.

SMIDT, Corwin. **The Principled Pluralist Perspective**. In: Church, State and Public Justice, Five views. Ed. by P. C. Kemeny. InterVarsity, 2007.

TAYLOR, E. L. Hebden. **The Christian Philosophy of Law, Politics and the State**. Nutley, New Jersey: Craig Press, 1969.

WITTE JR., John. The Development of Herman Dooyeweerd's Concept of Rights. **South African Law Journal**, Vol. 110, p. 543-562, 1993. Disponível: <https://papers.ssrn.com/sol3/papers.cfm?abstract_id=1851248> Acesso em: janeiro de 2018.